



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA APEE

A PRIMEIRA ANÁLISE

Perante um contexto difícil, de falta de convicção generalizada no projeto europeu e na existência de uma união real e solidária, nós decidimos agir!

Fazemos parte da geração da geração Erasmus, da geração mais qualificada de sempre em Portugal e na Europa, fruto do projeto erguido por Jean Monnet, Robert Schuman, entre outros. Sabemos que sem uma Europa com programas de financiamento e, acima de tudo, sem uma Europa respeitadora dos Direitos Humanos, da Democracia e da Paz não poderíamos ter o que temos hoje.

Sabemos também que nem tudo significa sucesso e que o sonho dos pais fundadores está ainda longe de se tornar real na sua totalidade, especialmente quando vemos a zona económica e monetária com o maior *superavit* do planeta, sem capacidade de resposta aos desequilíbrios sociais, como o envelhecimento da população e o desemprego jovem dentro das suas fronteiras, sem capacidade de resposta concreta para milhões de migrantes que fogem da fome, da guerra e da ditadura, vendo na União Europeia o sonho de uma vida digna. A União Europeia está ainda a atravessar uma crise económica e financeira, um dominó de dívidas soberanas, onde parte dos Estados-membros se encontra com níveis elevados de desemprego e regista um aumento da pobreza e da exclusão social, gerando o chamado “Quarto Mundo” nos seus centros urbanos. A somar a isso, temos as intervenções e os resgates, os níveis recorde de emigração jovem, a fraca capacidade produtiva, os sistemas de Segurança Social em risco de colapso, o êxodo rural e a perda de confiança das populações no regresso ao crescimento económico.

Existe, assim, uma conjugação tóxica de fatores que contribuem para a descrença na União Europeia. Mais recentemente, entre as *offshore* e o terrorismo, desde os

escândalos de corrupção à fuga de informação, têm catapultado o sentimento de insegurança, uma vez que a União Europeia ainda não consegue gerar consenso em matéria de segurança e defesa, nem uma política fiscal e reguladora capaz de impedir o enriquecimento ilícito. A descrença leva parte de alguns, outrora federalistas, a afirmar que a Europa “é um gigante económico, mas um anão político”. A divergência cultural, a ausência de informação e a visão de Bruxelas e Estrasburgo como locais longínquos e inacessíveis para o cidadão comum. A demagogia política, que usa as fragilidades e o desespero humano como forma de ganhar território e formar governos extremistas com ideais de ódio e preconceito, que acreditávamos que estivessem extintos na Europa, especialmente no espaço *Schengen*, uma conquista da liberdade e de progresso que está ameaçada. E, certamente, que não apenas pelo terrorismo ou pelos fluxos migratórios, mas pelo populismo cego e ignorante que nada aprendeu com a história do Velho Continente.

É por termos consciência deste balanço entre vantagens e desvantagens, que pretendemos levar a temática europeia a ser discutida de forma livre e plural, debatida em todos os setores da sociedade civil. A transmissão do conhecimento através da informação com qualidade e a dignificação dos Estudos Europeus enquanto área científica constituem a missão da “Análise Europeia”, revista da Associação Portuguesa de Estudos Europeus, formada por ex-alunos da licenciatura em Estudos Europeus que decidiram agir.

Muitas vezes, somos abordados sobre a nossa área de formação e confrontados com a seguinte pergunta: **“Para que serve, qual a utilidade?”**.

Decidimos que através da cidadania ativa, do associativismo, da intervenção social e pedagógica, da educação formal, informal e não formal podemos dignificar um nome que em alguns países é prestigiado. Percebemos que a ausência de conhecimento e alienação geral sobre a temática europeia e o funcionamento da UE e as suas instituições constituem parte do problema que leva ao pessimismo, ao ceticismo e à expansão de nacionalismos oportunistas e retrógrados, uma vez que a informação necessária ainda tem algumas dificuldades em passar as fronteiras de um universo mais

académico e\ou técnico. Assim, sentimos que o nosso papel na construção europeia é levar o debate em torno da temática europeia a todas as regiões nacionais e faixas etárias, pela inclusão num processo de cidadania europeia.

Sabemos que o Futuro é incerto, que a curto prazo as mudanças requerem uma abertura de horizontes que nem sempre existe, que muito ainda tem que ser melhorado no processo de integração europeia e que o cenário global é preocupante, mas estamos absolutamente certos de que como geração *Schengen* e *Erasmus* queremos viver num mundo e numa Europa pacífica, de fácil mobilidade, cosmopolita e multicultural. Uma Europa livre de muros, de blocos bipolares, de restrições à liberdade, de precariedade, de discriminação social e preconceito.

Acredito que com isto respondi à pergunta, que a importância das ciências sociais e humanas como os Estudos Europeus se justifique e que seja até uma emergência para a construção de uma nova ética baseada na solidariedade e na procura de um desenvolvimento sustentável, o que se tornará mais explícito com o exercício intelectual de leitura da “**Análise Europeia**”.

António Santos
Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Europeus